

# A CAMPANHA AÉREA CUBANA EM ANGOLA 1988-1989

Johny Santana de Araújo<sup>1</sup>



## Introdução

Toda a campanha de intervenção militar cubana em Angola em 1988 tem sido fruto de intenso debate no campo da história militar e das relações internacionais. As intensas operações para defender Cuito Cuanavale, e o deslocamento de tropas ao longo de Mavinga, para além da guerra em terra, a campanha aérea tornou-se um elemento de grande importância, que se destaca como objeto de uma análise mais profunda. A guerra aérea travada nos céus da África Austral representou um ponto de virada e convergência da projeção de força militar cubana na Região, e representou uma ruptura da preponderância sul-africana nos céus da região.

A campanha aérea desenvolvida em conjunto pela *Defensa Anti-Aérea y Fuerza Aérea Revolucionaria* (DAAFAR) e pela *Força Aérea Popular Angolana* (FAPA) também foi objeto de análises, muitas das vezes conflitantes e divergentes. Esse artigo não pretende analisar tais debates, mas, sim, apresentar uma contribuição no sentido de entender o sucesso cubano e angolano, explorando a partir de uma historiografia de apoio e de uma documentação que recentemente desclassifica quais elementos foram vitais e decisivos para a vitória do componente aéreo cubano/angolano sobre a força aérea do regime Sul-africano.

A campanha aérea cubana seria marcada por três resultados bem claros. Primeiro, que a garantia de suporte dada às FAPLA foi plenamente assegurada e contribuiu para manter Cuito Cuanavale em mãos angolanas. Segundo, como elemento intimidador da *South Africa Air Force* (SAAF), impedindo-os de apoiar suas forças próximas à Cuito Cuanavale. Finalmente, a

<sup>1</sup> Departamento de História, Universidade Federal do Piauí. Piauí, Brasil. E-mail: johnysant@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3082-1785>.

reversão da supremacia e controle do espaço aéreo sobre Angola, retirando essa prerrogativa dos sul-africanos, revertendo uma condição histórica da SAAF ao tempo em que a DAAFAR teve capacidade de projetar a sua aviação de caça contra a Namíbia e, para além, até o espaço aéreo da África do Sul. A narrativa dessa história é o objeto desse estudo e será tratada ao longo deste artigo

## Os antecedentes do apoio de Cuba à Angola

Em março de 1961, uma guerra de libertação nacional estourou em Angola. Foi liderada por várias organizações: *Movimento Popular de Libertação de Angola* (MPLA), *Frente Nacional de Libertação de Angola* (FNLA), *União Nacional de Libertação de Angola* (UNITA) e a *Frente de Libertação do Enclave de Cabinda* (FLEC) (George 2005, 1-10). No entanto, o descompasso de objetivos, as diferentes bases sociais e étnicas de cada um dos movimentos e outros fatores que dividiam essas organizações, muitas vezes ocasionaram confrontos armados entre elas, impedindo a unificação das forças anticoloniais.

O movimento mais progressista, que, ao contrário de outros, refletia objetivos nacionais, era o MPLA, que defendia a independência e integridade territorial do país e a transferência das suas riquezas para o controle nacional (Venter 2013, 82-317). A URSS, assim como China e Cuba, passaram a apoiar o MPLA desde 1958, dada a sua orientação marxista. Os primeiros especialistas cubanos em duas unidades chegaram a Angola em 7 de novembro de 1961 e começaram imediatamente a treinar destacamentos partidários. Nessa época, os cubanos já estavam na Argélia, Guiné-Bissau e em Moçambique.

Muitos rebeldes angolanos receberam treinamento militar tanto nos países socialistas da Europa, como Bulgária, Tchecoslováquia, União Soviética, como de Estados africanos, entre os quais a Argélia. A luta da guerrilha consistia principalmente em organizar emboscadas nas estradas e ataques contra guarnições portuguesas (George 2005, 10-161).

A China apoiou o MPLA com o fornecimento de armas, equipamento e conselheiros, além de, juntamente com especialistas militares da República Popular Democrática da Coreia, começar a formar unidades rebeldes da FNLA, a partir de 1973. Entre 1958 e 1974, a URSS também ajudou as formações armadas do MPLA, cujo objetivo principal era o fornecimento de armas e equipamentos, como fuzis, morteiros leves e canhões.

O MPLA, juntamente com a FNLA e a UNITA, havia vencido a guerra colonial de independência. Porém, depois da assinatura de um acordo sobre

o reconhecimento da independência de Angola em janeiro de 1975 por Portugal, quase imediatamente – a partir de março – iniciaram-se os confrontos entre representantes dos três grupos rebeldes angolanos, transformando a guerra de independência de Angola numa guerra civil (Saún et al. 1989).

O sul de Angola era local de operações da UNITA, e o governo da África do Sul nutria uma preocupação estratégica que se traduzia em garantir a continuidade do controle da UNITA sobre as regiões que fazem fronteira com o sudoeste da África, de modo a evitar que os guerrilheiros da *South West Africa People's Organization* (SWAPO) – movimento guerrilheiro que lutava pela libertação da Namíbia – recebessem apoio angolano e conseguissem um trampolim no sul de Angola para lançar ataques contra o sudoeste da África. Sua estratégia de segurança foi moldada pelas doutrinas do intervencionismo preventivo e da guerra contrarrevolucionária, inclusive com a participação de dissidentes do FNLA (Weigert 2011, 65).

A fim de garantir a segurança da fronteira da Namíbia com Angola, os sul-africanos lançaram uma grande operação militar chamada *Protea* e, após sua conclusão em agosto de 1981, a *South African Defense Force* (SADF) ocupou temporariamente 50.000 quilômetros quadrados da província do Cunene. Logo em seguida, a UNITA assumiu o controle administrativo efetivo da maior parte da região em janeiro de 1982 (George 2005, 140-141).

A permanência da UNITA na região era um incômodo muito grande ao Governo do MPLA, tornando-se questão de honra a expulsão destes da província. Ao longo da década de 1980, o governo angolano tentou manter o domínio total do Sul do país, que se encontrava permanentemente nas mãos da UNITA e de seu líder, Jonas Savimbi.

O governo de Luanda nunca conseguiu obter o comando de todo o país, pois a UNITA controlava grande parte do sudeste de Angola; sempre que esta era ameaçada pelo governo central angolano, a África do Sul intervinha a seu favor. Nas palavras do presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, “Como militar, é realmente uma pílula amarga admitir que o inimigo ocupa um território que devemos defender e não podemos expulsá-lo” (Gleijeses 2016, 225). A África do Sul manteve toda a fronteira sul de Angola e a província de Cunene ocupada e, de lá, conduzia invasões e ataques ao país.

## **A operação *Saudando Outubro* e seu fracasso**

Em 1987, como parte da campanha contra a UNITA pelo domínio do sudeste de Angola, o exército angolano lançou, com apoio de conselheiros

militares russos, uma grande campanha militar chamada operação *Saudando Outubro*, com o objetivo de expulsar as forças da UNITA de seus redutos nas cidades de Mavinga, uma antiga base militar portuguesa, e de Jamba, no sudeste do país, ao norte da Faixa de Caprivi (George 2005, 200). O objetivo estratégico das FAPLA era destruir a base de operação da UNITA e dar um termo à guerra civil, assumindo o controle integral de todo o país. Para tanto, as tropas das FAPLA avançaram ao sudeste da cidade de Cuito Cuanavale para atacar a UNITA em Mavinga. A liderança e o planejamento da campanha foram assumidos por oficiais soviéticos que também ocuparam o comando dos escalões superiores nas unidades de linha de frente. O comando de toda a operação e das forças angolanas durante a ofensiva ficou a cargo do Major-General Ivan Fyodorovich Ryabchenko (Jaster 1990, 17).

As forças cubanas estacionadas em Angola não tomaram parte na ofensiva. A princípio, não entraram em combate e atuaram em funções de apoio e, segundo consta, desaconselharam o comando soviético a seguir com a operação (Gleijeses 2016, 393). Os soviéticos rejeitaram o conselho dos cubanos, assim como nas campanhas anteriores, quando estes alertaram que a operação criaria mais uma oportunidade para uma intervenção sul-africana (Vanneman 1990, 76).

Na operação foram empregados pelo menos 10.000 soldados e houve um custo adicional de US \$1,5 bilhão em equipamento militar soviético, entre os quais 150 tanques T-55 e T-62, helicópteros “Hind” Mi-24 atualizados e canhões M-46 e D-30. A ofensiva visou, mais uma vez, capturar a base avançada da UNITA em Mavinga antes do ataque final à Jamba (George 2005, 200). Foi decidido que a ofensiva seria iniciada a partir de Cuito Cuanavale.

Nos desdobramentos posteriores da campanha, durante o envolvimento da aviação e de pilotos, cubanos e angolanos engajariam jatos sul-africanos em combates aéreos, abatendo-os pela primeira vez. Em qualquer caso, aviões soviéticos tripulados por soviéticos, cubanos e angolanos, iriam constantemente bombardear e metralhar posições da UNITA em Mavinga (Vanneman 1990, 76).

A África do Sul tomou conhecimento do enorme aumento militar e avisou a UNITA sobre a mobilização. A operação *Saudando Outubro* havia iniciado em julho de 1987, sendo, a princípio, bem-sucedida. Houve certa progressão no seu desenvolvimento com as FAPLA, obtendo ganhos consideráveis no sudeste de Angola. O governo sul-africano percebeu que a UNITA não seria capaz de resistir ao ataque e interveio (George 2005, 201).

Em 4 de agosto de 1987, a SADF lançou a Operação *Moduler*, que deveria parar o avanço angolano em Mavinga, para evitar uma derrota da

UNITA. Em 28 de agosto, as FAPLA haviam atingido a margem do rio Lomba mais ao norte, próximo a Mavinga, quando já eram aguardados por forças da SADF. Os sul-africanos iniciaram uma luta violenta no dia 9 de setembro, que se estendeu até 7 de outubro de 1987, impedindo as FAPLA de atravessar o rio e levando-os a interromper a ofensiva das tropas angolanas.

As FAPLA sofreram pesadas perdas e os soviéticos retiraram seus assessores da operação, deixando as FAPLA sem liderança sênior. Restava às FAPLA preparar o recuo de suas tropas, cuja segurança dependia da capacidade aérea que pudessem dispor. Naquele momento, passaram a contar com o apoio da DAAFAR de Cuba, que atuou em colaboração com a FAPA. Nas memórias do tenente Anatoly Eduardovich Alekseevsky, um dos oficiais sêniores russos que atuou como conselheiro militar na época, ele recorda que as SAAF enviavam seus caças, pois

[a]preciam pareciam Mirages da SAAF com bastante frequência. Mas nesta região tínhamos a oportunidade de convocar os cubanos. Quero dizer seus MiG-21s. Não havia nenhum MiG-23 em nosso distrito. Os MiG-21 cubanos operaram com sucesso, os Mirages sul-africanos fugiam deles o tempo todo. Chamávamos os caças cubanos algumas vezes e pelas coisas que fizeram no ar ficou claro quem eram. Eles executavam coisas incríveis no ar. Quando os cubanos encontravam os Mirages, eles quase entravam em combate aéreo, mas os sul-africanos simplesmente iam embora, fugiam (Shubin 2007, 31).

Em 29 de setembro, a SADF lançou uma ofensiva com o objetivo de destruir todas as forças das FAPLA a leste do rio Cuito. Em 3 de outubro de 1987, a SADF atacou as tropas das FAPLA na margem sul do rio Lomba e, dois dias depois, as FAPLA começaram a recuar para Cuito Cuanavale, que teria como ponto de resistência a localidade de Cuito Cuanavale, exatamente de onde a ofensiva havia iniciado, e de onde resistiram até meados de 1988.

No campo da negociação diplomática, Fidel Castro percebeu a oportunidade de reposicionar o foco da crise militar do sudeste ao sudoeste de Angola, preparando um cenário alternativo à saída intermediada nos EUA, a partir de uma estratégia que acomodasse os requisitos diplomáticos e militares de Havana e Pretória, ou seja, a participação de Cuba nas negociações era algo imprescindível. Nesse tempo, Fidel Castro atenderia ao pedido de ajuda feito por Angola. No âmbito militar, os militares cubanos haviam anulado a decisão angolana do final de 1987 de abandonar Cuito Cuanavale e retirar-se para Menongue, e, sob a supervisão direta de Fidel Castro, assumiram o comando da defesa de Cuito Cuanavale no final de janeiro de 1988.

De novembro a março, Cuito Cuanavale permaneceu controlada pelas FAPLA, ficando sob intermitente ataque e cercada. As FAPLA, reforçadas pelas tropas cubanas, mantiveram obstinadamente suas posições na margem leste do rio Cuito. Devido à contínua ameaça aérea e terrestre, as FAPLA redistribuíram as aeronaves de Cuito para um local mais seguro, a base aérea em Menongue. O posto de comando tático também foi realocado a cerca de 19 quilômetros a noroeste de Cuito.

Nesse dispositivo, o papel da aviação cubana seria decisivo: ao que se refere à capacidade de defesa aérea, na garantia da supremacia aérea e para fornecer meios aéreos necessários para lançar ataques de apoio às forças angolanas e cubanas sitiadas em Cuito Cuanavale. Um desdobramento mais ambicioso, fruto da estratégia cubana para debelar as forças sul-africanas, foi a implantação da base aérea de Cahama, que deu à *Fuerza Aérea Revolucionária* FAR capacidade de projetar ataques aéreos para dentro da Namíbia e, mais além, retirando da África do Sul a sua capacidade de reação. Essa manobra visava envolver os sul-africanos em outra frente e aliviar a situação dos combatentes angolanos sitiados em Cuito Cuanavale. Isto será tratado mais adiante.

### **A Operação *Maniobra XXXI Aniversario* e a Ação Aérea Cubana/Angolana**

Depois de uma série de derrotas severas com o fracasso da operação *Saudando Outubro*, o governo angolano, em novembro de 1987, pediu ajuda ao governo cubano. Fidel Castro prometeu ajudar o presidente José Eduardo dos Santos, e logo caças MiG cubanos, especialmente MiG-23, foram enviados a Angola. A sua estreia nas operações foi durante a batalha de Cuito Cuanavale. Em ação, a aviação Cubana tentava coibir a possibilidade de avanço das tropas da UNITA e da SADF, atacando-as.

Em Cuito Cuanavale, a primeira grande derrota dos sul-africanos em quase três meses de combates ocorreu em 19 de fevereiro de 1988 e decorreu do forte dispositivo de defesa estabelecido pelas FAPLA com ajuda do Exército Cubano. O ataque iniciou-se com forte bombardeio e avanço de blindados, que acabaram entrando em campos minados. O fracasso total da investida SADF decorreu do intenso bombardeio de artilha pesado das FAPLA e da ação dos caças MiG da DAAFAR, que realizaram mais de trinta ataques aéreos contra os sul-africanos, forçando-os a se retirar sem ter conseguido alcançar as posições avançadas das FAPLA. Foi um desdobramento

desanimador para os sul-africanos, que os fez refletir sobre a possibilidade de haver baixas muito maiores no decorrer da luta para completar sua missão antes do final do mês (George 2005, 225).

Em 25 de fevereiro de 1988, os sul-africanos lançaram outro ataque, mas, nos dias anteriores a ele, as baixas sul-africanas começaram a aumentar, enquanto os MiG cubanos intensificaram suas operações. A primeira vitória da defesa aérea cubana daquele ano ocorreu em 20 de fevereiro, quando abateram um Mirage F1 da SAAF (George 2005, 225), e, dois dias depois, os MiG-23 bombardearam uma coluna sul-africana a leste do rio Cuito, matando mais três sul-africanos e ferindo um outro (Battersby 1988, 8).

## A projeção da FAR e das FAPA

A Força Aérea Cubana tinha como modelo estrutural a própria Força Aérea Soviética, especificamente a *Voyeno Vozdushinie Silly VVS*, a força aérea de linha de frente russa, sendo capaz de se projetar para África, na época da guerra fria.

Em Angola, os aviadores cubanos foram liderados pelo Brig. Gen. Rubén Martínez Puente, mas estavam agregados ao 25ffl Regimento de Combate Aéreo da FAPA, a maioria dos quais voaram nos jatos MiG-23ML, sendo considerados como alguns dos melhores pilotos de combate de Cuba. A principal unidade de caça do 25ffl Regimento do qual faziam parte era o 12ffl Esquadrão de Caça (Polack 2013).

Os principais aviões de combate utilizados pelos Cubanos eram os caças MiG-21 e MiG-23, que representavam uma força respeitável. No comando dos MiG estavam pilotos cubanos trazidos de Havana, o que representava um desenvolvimento crítico no conflito, pois os pilotos de caças cubanos eram de elite.

Naquele contexto, a perda do domínio militar dos sul-africanos iria refletir favoravelmente na arena do poder aéreo para Cuba e Angola. O poder aéreo cubano aumentou quantitativamente para cerca de 150 aeronaves. Destes, 126 eram caças e caças-bombardeiros: 51 MiG-23 e 75 MiG-21. Dispostos contra os cubanos, os sul-africanos tinham cerca de 100 caças Mirage (Campos Perales 2006, 150), dos quais o principal modelo era o Mirage F1CZ.

O primeiro esquadrão de MiG-23, sob o comando do Coronel Armando Gonzalez, iniciou as operações da pista da base aérea de Menongue, onde também já estavam baseados caças MiG-21. O objetivo dos pilotos cubanos era interromper as ofensivas da SADF e apoiar as FAPLA. A defesa

aérea era composta por uma sofisticada rede de radares e mísseis terra-ar de origem russa.

Embora houvesse uma força aérea forte em Angola, ela se concentrava principalmente nas operações contra a UNITA, raramente desafiando as forças sul-africanas. Isso só mudou depois de 1987, quando os recém-entregues MiG-23s começaram a contestar a superioridade aérea sul-africana, pois seus Mirage F1CZ não tinham alcance para enfrentar os caças cubanos e angolanos na área de batalha a leste de Cuito Cuanavale (Heitman 2006, 105).

A FAPA/DAA (Força Aérea Popular de Angola/Defesa Aérea e Antiaérea) estava sob o comando do General Alberto Correia Neto, que também era o Vice-Ministro da Defesa (Polack 2013, 83-84). Havia em seu inventário caças MiG-21s, caças-bombardeiros Su-22 e aeronaves de ataque Su-25 para missões de interdição e ataque ao solo, e treinadores armados Pilatus PC-7, além de Helicópteros de ataque Mi-24 e Mi-35 “Hind” para apoio aéreo aproximado. Helicópteros de transporte Mi-8 e Mi-17 armados também foram usados nessa função, bem como em seus papéis primários de transporte e assalto aéreo, e aeronaves de transporte, incluindo Antonov-12 e Ilyushin-76, bem como aviões de transporte Lockheed L-100, que desempenharam missões de abastecimento a bases remotas em áreas dominadas ou assediadas pela UNITA (Heitman 2006, 106).

Os pilotos angolanos eram formados por instrutores soviéticos em Lubango, e cada vez mais demonstravam capacidade para desafiar a superioridade aérea sul-africana. Juntamente com os cubanos, já tinham começado a voar as primeiras missões em fins de 1987, bem como pilotos soviéticos também haviam participado de alguns combates (Vanneman 1990, 76). Em termos de embate aéreo, essa seria a primeira vez que a África do Sul admitia derrota frente às forças angolanas.

Um esforço mais concentrado foi feito durante os combates de 1987 e 1988 a leste de Cuito Cuanavale. Nesse espaço aéreo, os MiG tinham a dupla vantagem de controle de radar e o fato de estarem próximos de suas bases, dando-lhes mais tempo de operação, enquanto os Mirage F1 da SAAF estavam muito ao norte para ter suporte de radar, conferindo-lhes apenas alguns minutos de tempo de combate. Os MiG-23 da Força Aérea Angolana tinham mais potência e velocidade do que o Mirage F1 e, tal como os caças da FAR, eram armados com mísseis R60 guiados por radar, o que era uma grande vantagem sobre o F1CZ, que tinha apenas mísseis teleguiados infravermelhos (Heitman 2006, 106). Durante o final de 1987 até meados de

1988 – época das batalhas de Cuito Cuanavale – o Mig-23ML começou a ser usado também como interceptador contra a Força Aérea Sul-Africana. Com a intensificação do conflito no final de 1987, alguns combates aéreos com os MiG-23 aconteceram.

Nas operações da SADF e da SAAF não havia oposição real, mas, ao longo de 1987 e em 1988, a luta se deslocou para o norte, e os Mirage sul-africanos tinham combustível para apenas alguns minutos de combate. Os oponentes MiG-23 cubanos/angolanos operavam de bases aéreas relativamente próximas e tinham orientação por radar, suporte e combustível suficiente para manter suas patrulhas. Eles também tinham um míssil com capacidade de atingir alvos frontais (Heitman 2006, 102).

Apoiados por radar em terra, os MiG-23 angolanos e cubanos mostraram-se superiores às aeronaves da SAAF. Com sua força aérea aterrada e seus tanques parados por minas em terrenos difíceis, a força sitiante sul-africana foi condicionada a bombardear Cuito Cuanavale à longa distância, o que foi feito por três meses. Assim os sul-africanos não conseguiram levar a termo as grandes batalhas terrestres ocorridas em janeiro, fevereiro e março (Campbell 2013). Ao contrário, começaram a ter suas posições de artilharia sujeitas aos ataques aéreos da FAPA e da FAR.

Um dos maiores sucessos dos sul-africanos no decorrer da campanha aérea talvez tenha sido a capacidade de neutralizar com a artilharia de longo alcance o aeródromo localizado em Cuito Cuanavale, durante a operação *Hooper*, pois “A potente ameaça de artilharia a Cuito Cuanavale forçou aeronaves pilotadas por cubanos e angolanos a abandonarem a base aérea local e se realocarem em Menongue, diminuindo significativamente a capacidade da Força Aérea Angolana naquele momento de deter a contra ofensiva da SADF/UNITA” (Weigert 2011, 87). Por outro lado, quase metade da frota sul-africana precisava de reparos, estando incapacitada de voar.

A impossibilidade dos sul-africanos de manter o domínio aéreo contra a aviação cubana-angolana foi algo reconhecido pelos políticos da África do Sul, principalmente pelos da oposição, como Ronnie Kasrils, um dos líderes do *African National Congress* (ANC, na sigla em inglês), que escreveu sobre a última fase da guerra e atestou que, “Os MiG-23s soviéticos demonstraram sua superioridade sobre os velhos caças Mirage da África do Sul, e agora que comandavam os céus a rede de bases da SADF no norte da Namíbia, estavam à mercê deles.” (Scholtz 2016, 84). Essa era uma realidade que reverteria completamente o sentido da guerra a favor de Angola.

## Os primeiros sucessos aéreos cubano e angolano no espaço aéreo de Cuito Cuanavale

Em 27 de setembro de 1987, um par de MiG-23MLs decolou para fornecer cobertura para uma missão de resgate de helicóptero na área de Cuito Cuanavale. Eles receberam um alerta de radar baseado em terra sobre dois caças sul-africanos Mirage F1CZ do 3<sup>ffl</sup> Esquadrão da SAAF, que cruzaram o espaço aéreo angolano em direção ao Norte. Os MiG-23ML seguiram as instruções do radar para interceptar os Mirage e se aproximaram deles frontalmente.

Os dois pares de caças se cruzaram e manobram para tentar ficar atrás um do outro. Os MiG-23ML, no entanto, tinham uma clara vantagem de manobra sobre o Mirage F1. Em poucos segundos, um dos pilotos conseguiu se posicionar atrás de um dos Mirage F1CZ da SAAF e disparou a uma distância de 300m um míssil ar-ar guiado por infravermelho R-60MK, que explodiu na cauda do Mirage (Polack 2013, 211).

O outro Mirage, ao ver o destino de seu companheiro, imediatamente mergulhou e saiu do combate, voando muito baixo em direção à Namíbia. Os pilotos cubanos dos MiG-23ML consideraram que o primeiro Mirage foi abatido e tentaram perseguir o outro caça em fuga, mas eles já haviam atingido o limite de combustível e tiveram que voltar para a base. Considerando que aviões sul-africanos foram abatidos, pode-se afirmar que a superioridade aérea havia se tornado pendente para um dos lados (Vanneman 1990, 76).

Em 2 de janeiro de 1988, iniciou-se a operação batizada *Hooper* pelos sul-africanos, com bombardeio de artilharia e ataques aéreos da aviação sul-africana e um ataque de infantaria da UNITA que acabou falhando, recebendo pesadas baixas entre suas tropas perto do rio Cuatir. O único sucesso sul-africano foi a destruição da ponte – que foi reconstruída pelos cubanos – por uma bomba inteligente (George 2005, 216).

Em 13 de janeiro, um ataque de forças da UNITA e da SADF foi repellido com um contra-ataque das forças cubanas em defesa das unidades das FAPLA. As forças cubanas foram apoiadas por aviões MiG-21BIS e MiG-23ML de sua força aérea, que lançaram pelo menos uma tonelada de bombas em posições sul-africanas.

Em 16 de janeiro, dois aviões de reconhecimento Mig-23ML descobriram um grupo de tanques e infantaria, atacando-os após serem reforçados por mais seis Mig-23MLs, causando grandes danos aos sul-africanos (Blanch 2015, 61). Os caças MiG da FAR realizaram mais de 22 missões de combate no decorrer daquela fase da luta.

As operações das FAPA e das FAR cubanas limitaram, mas não impediram a operação da artilharia da SADF e movimentos de suas tropas. Fizeram, no entanto, com que estas despendessem um esforço muito grande para se ocultar, a fim de evitar ataques dos MiG. Além do impasse no perímetro do Cuito Cuanavale, a dominação aérea cubana foi uma das considerações mais significativas para a possível retirada das forças sul-africanas para o sul em 1988 (Polack 2013, 46).

Em terra, a situação em Cuito Cuanavale foi piorando por volta de 14 de fevereiro de 1988, pois a evolução da ofensiva dos sul-africanos foi tornando os combates cada vez mais intensos, com “Os disparos de artilharia pesada precedendo o avanço das forças sul-africanas contra a 59<sup>ff</sup> Brigada das FAPLA, cujas tropas, em um confronto sangrento e desigual, viram sua linha de frente ser penetrada” (Hernández 2018, 1). As forças cubanas reagiram.

Porém, os constantes bombardeios da aviação cubana e angolana forçaram os sul-africanos a interromper suas operações e buscar cobertura. Mike Muller, o oficial comandante do 61<sup>ff</sup>, afirmou que “os aviões inimigos estavam permanentemente no ar, lançando milhares de toneladas de bombas por todo o teatro [...] ao decorrer de centenas de ataques” (Bridgland 2017, 201).

Durante parte do dia 14 de fevereiro, a SADF conseguiu desviar-se dos ataques e, assim, evitar baixas. Todavia, os sul-africanos não escaparam ilesos. No meio da manhã, os MiG-23s cubanos, baseados em Menongue, começaram uma série de ataques (Puente 1989, 168), e, durante o resto de fevereiro, os caças MiG angolanos bombardearam as áreas de Gimbe e Bambi três ou quatro vezes por dia (Bridgland 2017, 207). Os desdobramentos seguiram com os ataques fracassados dos sul-africanos, pois estes estavam “Determinados a ter seus objetivos [alcançados] até o fim, [...] o inimigo [sul-africano] repetiu os ataques nos dias 19 e 20 de fevereiro, desta vez com uma ofensiva terrestre, [...] que tinha como alvo principal a 25<sup>ff</sup> Brigada das FAPLA” (Hernández 2018, 1).

O apoio aéreo fornecido pela DAAFAR de Cuba reafirmou que a presença de sua força aérea estava começando a fazer diferença, pois “[...] eles receberam uma resposta esmagadora: enquanto os múltiplos ataques eram repelidos das trincheiras, do ar as aeronaves MiG-23 faziam seu trabalho, reduzindo vários tanques sul-africanos e veículos blindados de transporte de pessoal à sucata” (Hernández 2018, 1). Na sequência, os sul-africanos deram início à operação *Packer*, que era um desdobramento da operação anterior. O objetivo da SADF ainda era eliminar as forças angolanas na margem oriental do rio, de modo a garantir que estes deixassem de ser uma ameaça para a UNITA no Sudeste. Quanto ao objetivo dos cubanos e angolanos, ainda era o

de proteger a cidade de Cuito Cuanavale de ser capturada a oeste do rio. Mais uma vez, o fator aéreo pesou a favor dos cubanos, pois em 9 de março os caças MiG da DAAFAR haviam bombardeado as linhas de abastecimento da SADF em torno do rio Lomba, com o objetivo de neutralizá-los (George 2005, 232). Os cubanos haviam, então, conseguido estabelecer uma superioridade aérea sobre a área com o moderno arsenal de aeronaves, e as tropas em terra haviam conseguido assegurar uma cabeça de ponte a leste da cidade, com a ajuda de extensos campos minados.

### **A ofensiva a sudoeste de Angola e a vitória aérea angolana e cubana**

No início de fevereiro de 1988, cerca de 3.500 soldados cubanos haviam se deslocado para a Província do Cunene. Forças adicionais chegaram durante os três meses seguintes, e, no final de maio, entre 11.000 a 12.000 combatentes cubanos foram implantados ao longo de uma frente de quatrocentos quilômetros em várias posições situadas perto da fronteira da Namíbia.

Para que a estratégia de Castro funcionasse, era essencial que o poder aéreo cubano, que havia se mostrado tão eficaz a leste do rio Cuito, fosse estendido até a fronteira com a Namíbia. Assim, no dia 22 de março, Castro ordenou ao general Ochoa a ampliação da pista do aeródromo de Cahama para receber aviões de caça, todos os quais também deveriam operar a partir de Lubango e de Matala, a 185 quilômetros ao norte (George 2005, 236).

Um número considerável de combatentes cubanos foi trazido, além de uma brigada de construção para erguer o campo de aviação em Cahama. Isso foi feito para lançar ataques aéreos com caças bombardeiros MiG-23ML contra alvos na Namíbia. No início, eles prepararam uma área de três quilômetros de largura, nivelaram e cobriram com concreto (Shubin e Tokarev 2011, 186).

Unidades de engenharia cubanas modernizaram o aeródromo angolano de Xangongo, permitindo-lhes dar suporte aos MiG-23 e aos helicópteros de ataque. Duzentos tanques e baterias de artilharia adicionais também aumentaram as Forças da linha de frente de Havana no Sudoeste (Weigert 2011, 89).

Uma ampla rede de radares cobrindo todo o sul de Angola também foi instalada, ligando 150 baterias de mísseis SAM-8, o que efetivamente pôs um fim à superioridade aérea sul-africana. Com as bases aéreas de Cahama e

Xangongo construídas, o poder aéreo cubano poderia ser projetado para dentro da Namíbia. Pouco antes do início do avanço para o sudoeste de Angola, o presidente Fidel Castro ordenou que o general Ochoa preparasse um ataque aéreo contra as bases da SAAF na Namíbia, caso as forças cubanas sofressem um ataque surpresa (George 2005, 237). As bases aéreas foram concluídas a tempo para poderem apoiar o plano cubano de cruzar a fronteira com a Namíbia, por meio de ataques de flanco em pinças, e, posteriormente, seguir para Windhoek e para ainda mais ao sul para a África do Sul.

Os MiG-23s podiam, então, decolar a partir desta base aérea até mais da metade do território da Namíbia para dar cobertura aérea às forças cubanas. Para lançar um ataque direto aos sul-africanos, os cubanos montaram uma ofensiva com tanques T-54 e T-55. Havia também um número relativamente pequeno de tanques T-62; ao todo, os cubanos teriam pelo menos 600 tanques prontos para entrar na Namíbia (Shubin e Tokarev 2011, 186). Em março de 1988, a atividade aérea da DAAFAR já havia aumentado, com os MiG-21 e MiG-23s voando livremente pelo espaço aéreo da África do Sul, cientes de que as forças de defesa de Pretória não tinham o radar ou os mísseis de defesa aérea necessários para interceptar suas incursões em grande altitude (Debay 1995, 20-23, 41).

Até os americanos ficaram surpresos com o tamanho e a natureza do desdobramento cubano. Em uma reunião com autoridades sul-africanas no Cairo no final de junho de 1988, o assessor do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, James Woods, disse ameaçadoramente na reunião – na presença dos generais sul-africanos Magnus Malan e Jannie Geldenhuys – que:

[estes] eram as melhores unidades que Cuba tinha, estavam armadas com equipamento avançado, eram muito mais resistentes e de maior calibre do que quaisquer tropas vistas em Angola antes. As tropas envolvidas no movimento para o sul estavam preparadas para assumir posições de combate avançadas e estavam construindo campos de aviação em Cahama e em outros lugares. A principal ameaça no sudoeste de Angola era o esquadrão completo de Mig-23, que tinha uma postura agressiva e capacidade (Scholtz 2011, 90).

Woods disse que as unidades cubanas levavam consigo 800 tanques pesados, 400 tanques leves, 300 peças de artilharia e lançadores de foguetes, 250 armas de defesa aérea, 80 lançadores de mísseis, 60-70 aeronaves de asa fixa e 20-30 helicópteros de combate. “Quais eram suas intenções?” perguntou Woods, e em seguida deu a sua avaliação:

Não parecia ser apenas uma força de bloqueio para impedir o movimento de tropas sul-africanas em Angola. Inicialmente, os Estados Unidos haviam estimado que se tratava de um acúmulo político para melhorar a postura de conversação nas negociações. No entanto, a força havia se tornado muito grande para que esse fosse o único motivo e agora parecia ser uma força ofensiva procurando uma luta (Scholtz 2011, 90).

Assim, em 7 de junho de 1988, Castro indicou ao comando cubano em Angola que, de acordo com informações da inteligência, a SAAF estava planejando um ataque surpresa e ordenou que os MiG-23 estivessem preparados para bombardear bases sul-africanas na Namíbia e outros objetivos em caso de tal ataque ocorrer. Em 10 de março de 1988, a defesa de Cuito Cuanavale, após três ataques falhados da SADF, estava segura. Enquanto as negociações aconteciam, unidades cubanas da FAPLA e da SWAPO, sob o comando do general Cintras Frías, abriram uma segunda frente a oeste em Lubango, com uma força de 40.000 soldados cubanos e 30.000 angolanos (Gleijeses 2007), que avançaram de Lubango para sudoeste com o apoio de caças bombardeiros MiG-23. Vários combates aconteceram nos três meses seguintes, começando perto de Calueque em 15 de março de 1988.

Esta foi a primeira resistência sul-africana encontrada pelos cubanos e angolanos, que seguiram travando combates sangrentos enquanto suas tropas avançavam em direção à fronteira com a Namíbia. No final de maio, Cuba tinha duas divisões no sudoeste de Angola (George 2005, 236-237).

As forças de Cuba prepararam-se para avançar contra Calueque a partir de Xangongo e Tchipa e, em 24 de junho de 1988, a força conjunta chocou-se com a SADF a caminho de Cuamato. As tropas da SADF foram expulsas, mas as forças da FAPLA e da FAR não as perseguiram e se retiraram para o seu território em Angola.

Em 26 de junho, tropas sul-africanas reagruparam-se e contra-atacaram perto de Tchipa. A luta durou pouco mais de uma hora, mas com a notícia de que uma grande força cubana de tanques estava a caminho de Tchipa, os sul-africanos decidiram recuar antes que eles fossem esmagados. Suas tropas retiraram-se imediatamente em direção a Calueque, sob o bombardeio de MiG-23s cubanos e, no final da tarde, a sua artilharia e tanques cruzaram o Cunene para a Namíbia (George 2005, 244). Nesse mesmo dia, 26 de junho, os MiG-23 da FAR cubana estavam operando sobre o espaço aéreo da Namíbia, com a supremacia aérea nas mãos de Cuba. O avanço até Calueque estava garantido.

Em 27 de junho, onze MiG-23MLs cubanos com bombas de demolição atacaram a barragem hidroelétrica de Ruacana-Calueque, na Namíbia, que era protegida pelo Exército Sul-Africano e fornecia eletricidade para a maior parte da Namíbia e da África do Sul. O ataque aéreo também foi planejado contra as posições sul-africanas em Calueque. Para essa operação, uma força de MiG-23s mais avançados do modelo BN chegou de Cuba em 22 de junho. Eles podiam carregar bombas mais pesadas e estavam equipados com instrumentos de mira mais precisos (Gomez 2009, 790).

Às 12h30, seis MiG-23s de Lubango e dois de Cahama decolaram com a missão de bombardear a Barragem de Calueque. As oito aeronaves se separaram em dois grupos. Para evitar a detecção pelo radar sul-africano, o major Jorge Rodriguez Marquetti, um dos pilotos, disse que os MiG-23s voaram a menos de 30 metros acima do nível das árvores (Gomez 2009, 791).

Pouco antes das 13 horas, foram avistados por uma patrulha sul-africana nas colinas acima de Ruacaná, mas, devido à velocidade do ataque, não foi possível avisar Calueque a tempo. A primeira onda de ataques se dirigiu para a represa, com um par de MiG fornecendo cobertura para a segunda (George 2005, 245).

Dez toneladas de bombas seriam lançadas, especificamente projetadas para demolição e fragmentação (Gomez 2009, 792). Às 13 horas, o primeiro esquadrão destruiu o trecho da ponte próximo às comportas da barragem, a casa de máquinas da SADF e um guindaste. Isso foi seguido pelo ataque do segundo esquadrão, que lançou seis bombas retardadas por paraquedas, danificando seriamente a ponte e as comportas próximas. Um segundo par bombardeou a usina e as salas de máquinas, enquanto um sétimo MiG se desviou do grupo principal e lançou oito bombas em um oleoduto, explodindo-o em pedaços e incendiando a usina de eletricidade adjacente. A última bomba caiu entre veículos militares estacionados (George 2005, 245), infligindo mais danos. Com as instalações hidrelétricas envoltas em chamas e fumaça, todos os MiG-23 cubanos retornaram à base sem nenhuma perda<sup>2</sup>.

O ataque foi um sucesso absoluto, os sul-africanos abandonaram o complexo, a surpresa foi total. Quando as tropas cubanas chegaram, vários dias depois, encontraram todos os sinais de um desastre: veículos blindados incendiados, equipamentos e instalações das centrais destruídos ou danificados. Os oficiais da SADF descreveram o ataque cubano como “muito bem planejado” (Bridgland 2017, 268).

<sup>2</sup> Alguns autores afirmam que pelo menos um dos MiG-23 foi atingido por fogo antiaéreo (George 2005).

Havia sempre dificuldade de coordenação nas operações, muitas delas vividas pelos pilotos de combate cubanos. Em suas memórias, Eduardo Sarria, piloto de caça, lembrou que seu “[...] esquadrão era formado por aviões MIG-23 ML, [...]” e que mesmo “[...] longe da pátria, cumpríamos a missão, orgulhosos daquele esquadrão, era o melhor do MIG-23 que estava em Angola” (Blanco 2018, 1). O ataque a Calueque foi um exemplo de eficiente coordenação.

Durante a intervenção cubana, suas ações no ar se cristalizaram na memória do pessoal russo em terra, que em grande medida confiava na capacidade militar de seus colegas. A habilidade com que utilizavam o equipamento e o alto grau de profissionalismo foram notabilizados durante a campanha em Cuito Cuanavale e no movimento que havia sido iniciado no Sul para expulsar a UNITA e envolver a SADF.

Segundo um oficial russo, “A Força Aérea da África do Sul não conseguiu superar as nossas – mais precisamente as cubanas – de defesa antiaérea reforçada. Os cubanos também começaram a usar caças MiG-23 e SU-22, aeronaves de última geração para essas condições” (Shubin e Tokarev 2011, 152). Humberto Trujillo Hernández, piloto de caça que tomou parte na campanha aérea cubana em Angola, leva em consideração que o desfecho da campanha aérea em torno da batalha de Cuito Cuanavale havia sido decisivo por causa da perda do poder aéreo sul-africano (Hernández 2005).

Há algumas controvérsias criadas pelos sul-africanos que tentam minimizar a ideia de que o avanço de Cuba, no início de 1988, no sudoeste de Angola, representou um movimento ousado, que deu a Havana superioridade aérea ao longo da fronteira. Segundo consta, os aviões de combate pilotados por cubanos e angolanos realizaram missões breves, geralmente de alta altitude, no espaço aéreo da Namíbia no Sudoeste Africano, e que o pessoal da SADF não estava equipado com mísseis terra-ar capazes de impedir estes voos. Por fim, os sul-africanos afirmaram que os seus Mirage podiam ser interceptados pelos MiG-23.

Os planejadores da SAAF tentaram ainda oferecer uma interpretação diferente dos sobrevoos transfronteiriços, destacando a importância da rede melhorada de defesa aérea angolana/cubana. Um estudo da SAAF do final de 1988 tentou distinguir entre a “liberdade no espaço aéreo”, que julgavam ainda ter, de “domínio do espaço aéreo”, sobre o sul de Angola, que de fato não tinham mais (Weigert 2011, 91). Passaram a defender a ideia de que quando precisavam, seus aviões apoiavam suas tropas, sem necessariamente dominarem o espaço aéreo ou entrarem em combate aéreo para isso.

O alto comando da SAAF alegava que as suas aeronaves gozavam da liberdade de que necessitavam para operar contra todos os alvos militares importantes dentro de Angola. O tamanho do país, no entanto, sempre tornou impraticável considerar a dominação total. Desde o início da década de 1980, os oficiais da SAAF haviam se concentrado no planejamento de missões que minimizassem a possibilidade de contato com aeronaves hostis e defesas aéreas (Weigert 2011, 91). Porém, esse comportamento evasivo ante o combate não evitou as perdas de aeronaves sofridas pela SAAF durante a campanha de 1987-88, dos quais, somam-se três Mirage F-1 e uma aeronave de observação e ataque leve Bosbok, além de um Mirage F-1 danificado em combate aéreo, que tentou retornar para a sua base e caiu. Quanto às defesas aéreas, segundo consta, as forças terrestres baseadas em Angola dispararam 111 mísseis terra-ar confirmados contra aeronaves SAAF (Weigert 2011, 91).

Pode-se entender que os sul-africanos sempre declinaram o combate quando isso de fato representava um desafio ou risco maior a seus pilotos, muito provavelmente para os seus estrategistas. Relativizar sobre o significado de ter liberdade para agir no espaço aéreo, ao contrário de dominá-lo, parecia ser uma justificativa plausível para sua real incapacidade de enfrentar a aviação cubana.

No decorrer do conflito, em julho de 1988, caças-bombardieiros MiG-23BN com mais capacidade de combustível e alcance foram enviados de Cuba para Angola a bordo do navio cubano *Las Coloradas*. Os caças decolaram de Menongue e tomaram parte em uma incursão contra a base da SAAF em Grootfontein, na Namíbia. Muito provavelmente, isso representou um fator de impacto decisivo nas futuras negociações de paz. Estas aeronaves de longo alcance foram enviadas ao teatro de operação depois que os soviéticos se recusaram a fornecer um lote de tanques auxiliares de combustível para os MiG que já estavam em Angola (Polack 2013, 46).

A frota de MiG-23 cubana sofreu perdas, a maioria delas devido aos mísseis terra-ar (SAM) Stinger disparados de ombros que foram fornecidos aos insurgentes pelos EUA. A UNITA abateu um MiG-23ML e um MiG-23UB, este último em 9 de dezembro de 1985. Bem antes da operação *Saudando Outubro*, três MiG-23 foram perdidos durante os combates em Angola.

Somente de janeiro a março de 1988, os caças MiG-21 e MiG-23 cumpriram 1.283 missões de voo sobre Cuito Cuanavale, realizando 722 missões de bombardeio e 561 missões de cobertura aérea, lançando 358 toneladas de bombas e 4.000 foguetes C-5, além de outra munição (Hernández 2005, 102-

105). Quando as forças cubanas se retiraram em 1989, os MiG-23MLs que haviam tomado parte na campanha foram incorporados ao 23<sup>ffl</sup> Regimiento de Caza da FAR em San Julián.

## Conclusão

A campanha travada por angolanos e cubanos contra a África do Sul, entre fins de 1987 e meados de 1988, revelou, para além dos resultados, a capacidade aprimorada com que fizeram uso de seu poder aéreo. Na época, o MiG-21 era a aeronave mais avançada da FAPA. A chegada dos MiG-23 aumentou significativamente o poder aéreo organizado contra a SADF, capacidade que seria ampliada com a chegada dos mesmos modelos de caças a serviço de Cuba, visto que eram superiores aos Mirage F1CZ, considerados os aviões de guerra mais avançados da Força Aérea Sul-Africana.

A outrora supremacia que a força aérea sul-africana gozara por tanto tempo havia sido perdida diante da ampliação da capacidade militar angolana-cubana, que ficou atestada não só pelo melhor equipamento e pela habilidade dos pilotos, mas também pela implantação de um sofisticado sistema de radares e mísseis terra-ar, o que viabilizou a estratégia de defesa de Cuito Cuanavale e a expulsão dos sul-africanos do sul de Angola. De um modo geral, o resultado da batalha em terra nas margens do Rio Cuito e os desdobramentos a sudoeste da fronteira entre Angola e a Namíbia tiveram implicações militares de médio e longo prazo, e para além do teatro onde aconteceram, reverberando até Washington. O triunfo das forças conjuntas angolanas e cubanas obrigou a África do Sul e os Estados Unidos a assinarem os acordos tripartidos de Nova Iorque, em 1988, o que conduziu à independência da Namíbia. Tais acordos podem ser considerados positivos, pois deram solução para um conflito regional que se desdobrava a muito tempo. Nessa história, o componente aéreo organizado por Cuba e Angola se mostrou de fundamental importância, se não decisivo. Os enfrentamentos em terra podem ser vistos como vitais, mas a ação aérea representou o ponto alto de uma disputa que influenciou de forma determinante a trajetória do conflito.

## Referências

Battersby, John D. 1988. "Pretoria aircraft downed in Angola". *The New York Times*, February 23, 1988.

- Blanch, Hedelberto López. 2015. "The Cubans in Angola, 1976–1990." In *A Far-Away War: Angola, 1975-1989*, written by Liebenberg, Ian, Risquet, Jorge, and Shubin, Vladimir, 57-68. Cape Town: Sun Press.
- Blanco, Angela Santiesteban. 2018. "Remembranzas de un piloto de guerra". *Sierra Maestra*. <http://www.sierramaestra.cu/index.php/especiales/19592-remembranzas-de-un-piloto-de-guerra>.
- Bridgland, Fred. 2017. *The War for Africa: Twelve Months that Transformed a Continent*. Oxford: Casemate.
- Campbell, Horace. 2013. "The Military Defeat of the South Africans in Angola." *Monthly Review* 64, no. 11 (April): 32-43. <https://monthlyreview.org/2013/04/01/the-military-defeat-of-the-south-africans-in-angola/>.
- Campos Perales, Pedro Eddy. 2006. *Victoria Al Sur De Angola*. La Habana: Casa Editorial Verde Olivo.
- Debay, Yves. 1995. "Angola and South West Africa: A Forgotten War (1975-89)." *Magazine Raids*, no. 44 (July): 20-41. <https://www.namibweb.com/war.htm>.
- George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991*. Londres, Nova York: Frank Cass.
- Gleijeses, Piero. 2007. "Cuba and the Independence of Namibia". *Cold War History* 7, no. 2. (May): 285–303. doi: 10.1080/14682740701284215.
- \_\_\_\_\_. 2016. *Visions of freedom: Havana, Washington, Pretoria, and the struggle for southern Africa, 1976-1991*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Gomez, R. J. 2009. *En El Sur de Angola*. La Habana: Editorial Letras Cubana.
- Heitman, Helmoed Römer. 2006. "Equipment of the Border War." *Southern Journal for Contemporary History* 31(3): 91-108. <https://journals.ufs.ac.za/index.php/jch/article/view/540>.
- Hernández, Humberto Trujillo. 2005. *Trueno justiceiro: Mis campañas en cielo angolano*. Habana: Ediciones Verde Olivo.
- Hernández, Miguel Febles. 2018. "The 'carnival' of Cuito Cuanavale". *Granma*, March 28, 2018. <http://en.granma.cu/cuba/2018-03-28/the-carnival-of-cuito-cuanavale>.
- Jaster, Robert S. 1990. "War and peace (1987-1988)." *The Adelphi Papers* 30, no. 253, 17-32. <https://doi.org/10.1080/05679329008448990>.
- Polack, Peter. 2013. *The Last Hot Battle of the Cold War, Decision at Cuito Cuanavale and the Battle for Angola, 1987–1988*. Oxford: Casemate.

- Puente, Ruben Martinez. 1989. "El aire siempre fue nuestro" in Rey Cabrera, Marina. *La Guerra de Angola*. La Habana: Editorial política.
- Scholtz, Leopold. 2011. "The South African Strategic and Operational Objectives in Angola, 1987–88." *Scientia Militaria – South African Journal of Military Studies* 38, no.1 (2010): 68-98. <https://doi.org/10.5787/38-1-80>.
- \_\_\_\_\_. 2016. *The battle of Cuito Cuanavale Cold War angolan finale, 1987-1988*. Solihull: Helion & Company Limited.
- Shubin, Gennady. 2007. *The oral history of forgotten wars: The Memoirs of Veterans of the War*. Moscow: Memories.
- Shubin, Gennady e Andrei Tokarev (eds). 2011. *Bush War: The road to Cuito Cuanavale. Soviet soldiers' accounts of the Angolan War*. Johannesburg: Jacana.
- Vanneman, Peter. 1990. "Soviet foreign policy for Angola/Namibia in the 1980s: a strategy of coercive diplomacy". In *Disengagement from Southwest Africa: The Prospects for Peace in Angola and Namibia*, edited by Kahn, Owen Ellison, 69-94. New Brunswick: University of Miami Institute for Soviet and East European Studies.
- Venter, A. J. 2013. *Portugal's Guerrilla Wars in Africa: Lisbon's Three Wars in Angola, Mozambique and Portuguese Guinea 1961-74*. Solihull: Hellion.
- Weigert, Stephen L. 2011. *Angola A Modern Military History, 1961–2002*. New York: Palgrave Macmillan.

## RESUMO

Em meados de 1988, as FAPLA lançaram uma grande ofensiva para desestabilizar a UNITA da região da Fronteira entre Angola e a Namíbia. Para tanto, contava com apoio de assessores e com equipamento militar russo. Quando a operação *Saudando Outubro* foi lançada, as FAPLA não conseguiram obter sucesso, levando ao colapso da mesma e a uma contra ofensiva da UNITA apoiada pela SADF. Desde 1975, Cuba também mantinha assessores militares no país e interveio, em 1988, em sua defesa na região do Cuito Cuanavale, ao tempo em que iniciava uma ofensiva para a expulsão dos SADF e da UNITA do sul de Angola. Nessa campanha, a ação da aviação cubana e angolana foi decisiva para a derrota da África do Sul. O presente artigo pretende analisar como se deu o processo de conquista da supremacia aérea cubana e angolana frente a força aérea sul-africana. Entende-se que a DAAFAR, ao negar a ação da SAAF, retirou desta a histórica superioridade aérea gozada por anos, e que a ação do poder aéreo de Cuba conjugada a Angola foi condição determinante para o sucesso da ofensiva terrestre dos exércitos angolano e cubano na fronteira com a Namíbia.

## PALAVRAS-CHAVE

Guerra Aérea. Guerra Fria na África. Fuerza Aérea Cubana. Força Aérea Angolana. South African Air Force.

*Recebido em 4 de fevereiro de 2022  
Aceito em 7 de fevereiro de 2022*